

CONHECIMENTO PARA O “TEMPO DO INÚTIL” – REFLEXÕES PARA O CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA...

Ricardo Rezer; Professor da Unochapeco (Chapecó, Brasil).

Contato: rrezer@unochapeco.edu.br.

Antônio Camilo Cunha; Professor da Universidade do Minho (Braga, Portugal).

Contato: camilo@ie.uminho.pt.

RESUMO

Este texto tem por objetivo refletir sobre a Educação Física (EF) enquanto campo do conhecimento com responsabilidades para uma formação para o “tempo do inútil”. Ao longo do texto, procuramos demonstrar que, em tempos de utilitarismo, reconhecer a importância de uma formação para o “tempo do inútil” representaria uma virada paradigmática para a EF, especialmente nos contextos escolar e universitário, com desdobramentos significativos para outros contextos deste campo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; Conhecimento; Tempo do inútil.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em tempos nos quais, os saberes do mundo são categorizados em “úteis” e “inúteis”, na lógica de uma globalização neoliberal¹, os primeiros prevalecem e instituem o imaginário social na contemporaneidade. Se conhecimentos “úteis” são importantes para a vida em sociedade, cabe examinar melhor a lógica que os coloca nesta condição, bem como, o que fica de fora da “agenda oficial” – uma lógica que vem a tempos, colonizando o pensamento em muitos setores da sociedade, entre eles, campos do conhecimento como a Educação Física (EF).

¹ A globalização neoliberal corresponde a um novo regime de acumulação do capital, um regime mais intensamente globalizado que os anteriores, que visa, por um lado, *dessocializar* o capital, libertando-o dos vínculos sociais e políticos que no passado garantiram alguma distribuição social e, por outro lado, submeter a sociedade no seu todo à lei do valor, no pressuposto de que toda atividade social é mais bem organizada quando organizada sob a forma de mercado. A consequência principal desta dupla transformação é a distribuição extremamente desigual dos custos e das oportunidades produzidos pela globalização neoliberal no interior do sistema mundial, residindo aí a razão do aumento exponencial das desigualdades sociais entre países ricos e países pobres e entre ricos e pobres no interior do mesmo país.

Na contramão desta “tendência” contemporânea de perceber a questão do conhecimento, o objetivo deste texto é refletir sobre a EF enquanto campo do conhecimento com responsabilidades de uma formação para o “tempo do inútil”.

Partimos do pressuposto de que cabe refletir acerca das múltiplas dimensões de conhecimentos que constituem a vida humana, que se edifica também, por experiências para além da lógica do lucro e da utilidade. Assim, se há vida para além do mundo da utilidade e do lucro, cabe aprofundar mais e melhor sobre a dimensão da “inutilidade” do conhecimento, dimensão necessária para um bem viver. Se o lucro e a utilidade não esgotam nossas possibilidades de mundo, onde aprendemos então, sobre conhecimentos “inúteis”? Como um campo do conhecimento com a EF vem tratando (ou poderia tratar) a questão do inútil, quer seja na escola (educação básica) ou na universidade (formação)?

A seguir, apresentaremos de maneira breve, argumentos que se propõem a trabalhar com estas questões, bem como, sustentar, de maneira introdutória, uma concepção de EF como espaço e tempo de formação que nos aproxime de um conhecimento pertinente ao “tempo do inútil”, dimensão imprescindível para a vida humana.

EDUCAÇÃO FÍSICA COMO POSSIBILIDADE PARA A FORMAÇÃO DE UMA CULTURA PARA O “TEMPO DO INÚTIL”...

Efectivamente, no universo do utilitarismo um martelo vale mais do que uma sinfonia, uma faca mais do que um poema, uma chave inglesa mais do que um quadro, porque é fácil perceber a eficiência de um utensílio e cada vez mais difícil compreender para que servem a música, a literatura ou a arte. (ORDINE, 2016, p. 11).

A epígrafe expressa bem o ponto de partida deste breve texto. Porém, há de se pensar mais e melhor sobre os condicionantes que classificam determinados conhecimentos, colocando-os na condição de “úteis” ou “inúteis”. No caso em tela, a ideia de “inútil” (doravante utilizada sem aspas) com a qual trabalhamos, parte, em boa medida (mas não só), dos argumentos de Nuccio Ordine, professor da Universidade da Calábria. Em sua obra “A utilidade do inútil – um manifesto” (2013), ele procura demonstrar que, se deixarmos a dimensão gratuita morrer, se renunciarmos à força geradora do inútil, se escutarmos unicamente o mortífero canto das sereias que nos impele a perseguir o lucro, somente seremos capazes de produzir uma coletividade doente e sem memória que, perdida, acabará perdendo



o sentido de si mesma e da própria vida. “E então, quando a desertificação do espírito nos fizer murchar, será realmente difícil imaginar que o insipiente *Homo sapiens* ainda poderá ter um papel para tornar a humanidade mais humana” (p. 27).

Assim, há de revisar criticamente os sentidos de utilidade e inutilidade com a qual trabalhamos na contemporaneidade, como forma de ressignificar seu uso e seus desdobramentos na vida cotidiana, especialmente em campos do conhecimento como a EF. Concordando com Ordine (2016), se útil é tudo aquilo que ajuda a nos tornarmos melhores, vale a pena investir na natureza inútil, gratuita e desinteressada do conhecimento, uma potência que pode nos tornar mais livres, mais tolerantes e mais humanos.

Obstante a isso, quando o trabalho coloniza a vida com radicalidade, ele se institui como leitura de mundo com pretensões de exclusividade, o que nos afasta de dimensões estranhas a este mundo. E isso impacta decisivamente na forma de pensar a lógica “oficial” da EF na contemporaneidade que, via de regra, se volta para discursos, temas e conteúdos que comprovem sua serventia. Por exemplo, quando a EF é questionada sobre sua legitimidade ou legalidade como disciplina curricular na educação básica, argumentos fortes veiculados por setores do próprio campo, procuram justificá-la como uma disciplina que pode combater o sedentarismo, por consequência a obesidade, levando os alunos a adotarem um estilo de vida ativo, além de contribuir com a massificação do esporte, entre outros. Argumentos desta ordem passam a ser um problema, na medida em que instituem e definem a EF a partir de sua dimensão utilitária, desconsiderando a imensa potência que ela possui na formação de uma cultura para o inútil – aprender sobre jogo, dança, esporte, ginástica, entre outros, representa uma potência de vida que pode qualificar a dimensão humana do tempo livre.

Na formação escolar e universitária, podemos perceber que, via de regra, a justificativa para a definir o grau de importância das disciplinas se potencializa na medida em que o conhecimento por elas abordado se sustenta na sua utilidade (por exemplo, conhecimentos que sirvam para o mercado do trabalho). Derivado disso, alguns conhecimentos vêm recebendo maior atenção, *status* e espaço nos currículos da EF e disciplinas que não se articulam diretamente a esta lógica, são consideradas inúteis, “menores”, “periféricas”. Lembrando Sousa Santos (2011, p. 1), os critérios de mercantilização vão reduzindo o valor das diferentes áreas de conhecimento ao seu preço de mercado, a tal nível que “[...] o latim, a poesia ou a filosofia só serão mantidos se algum *macdonald* informático vir neles utilidade”.



Por tais elementos, urge revitalizar a importância de conhecimentos que no contemporâneo são compreendidos como “menores”, o que permitiria enfrentar o aparente “menosprezo” ou barateamento de campos como EF, literatura, música, artes, entre outros. Nossos argumentos apostam na lógica de que são dimensões do conhecimento que permitem qualificar a existência humana através, exatamente, de sua inutilidade.

Na EF, campo que trata diretamente da cultura corporal de movimento, desde o final dos anos 2000, professores/pesquisadores/intelectuais (KUNZ, 1991; BRACHT, 1992; SANTIN, 1993, 1995; entre outros) já sinalizavam, por diferentes vias, para a EF como uma “arte do bem viver” ou uma “sabedoria de viver”, que envolve dimensões da vida humana para além de sua dimensão utilitária – Bracht (1992) chega a afirmar que a utilidade da EF advém do seu caráter inútil. Ou seja, desenvolver dimensões humanas para além do tempo de trabalho, como aspecto importante para a formação, alça a EF enquanto conhecimento, a um patamar de significativa importância, pois sua responsabilidade é ensinar a qualificar o tempo de não trabalho pela compreensão de diferentes práticas corporais (ginástica, dança, esporte, jogo, entre outros).

Talvez aí resida uma finalidade imprescindível da EF: assumir radicalmente sua condição de campo que forma para o tempo do inútil, como forma de resistência frente a barbárie do lucro, possibilitando compreender e experimentar a cultura corporal de movimento como dimensão inerente a um bem viver, ao longo da vida, para além da lógica do utilitarismo. Se cabe considerar que a EF pode potencializar a funcionalidade corporal humana (o que não é, em si, um problema), cabe reconhecer também, que as possibilidades da experiência corporal como possibilidade de vida são para muito além da utilidade, pois representa a possibilidade de aquisição e produção de conhecimentos inúteis e não quantificáveis. Desta forma, teríamos mais facilidade em reconhecer a útil inutilidade da EF como característica teleológica do campo, com desdobramentos significativos para as distintas epistemologias que transitam em seu interior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de se tornar ciência, antes de constituir-se em profissão liberal, a educação física é uma sabedoria de viver, uma exigência pessoal e existencial, isto é, uma tarefa educativa (SANTIN, 1993, p. 70).



Levar a sério os argumentos de Santin, expressos na epígrafe, permite pensar que a EF, antes do saber científico, do trabalho produtivo, tem um compromisso com a existência humana. Assim sendo, as perspectivas apresentadas neste breve texto permitem compreender melhor uma finalidade imprescindível da EF: possibilitar compreender e experimentar a cultura corporal de movimento, tendo em vistas uma formação para o tempo do inútil como possibilidade inerente a uma boa vida.

Jogar, correr, dançar, conhecer o próprio corpo, entre tantos outros, são elementos fundamentais para qualificar as possibilidades de um bem viver, para além do plano do lucro e da utilidade. E isso pode ser contemplado, potencializado, sentido e vivido na EF, por mais óbvio que possa parecer – Nietzsche (2001) já afirmou que óbvio é o mais difícil de ser conhecido.

Assim sendo, estes argumentos poderiam se constituir como referenciais introdutórios para uma discussão mais alargada na EF – tanto na escola como na universidade. Tomar tais argumentos como referência para a formação de professores de EF representaria um “salto” para a própria constituição do campo, enquanto disciplina escolar, campo científico e campo de formação profissional.

Ao longo do texto, procuramos demonstrar que, em tempos de utilitarismo, reconhecer a importância da EF como campo que possui responsabilidades significativas para a formação para o “tempo do inútil” representaria uma virada paradigmática para o campo, especialmente nos contextos escolar e universitário, com desdobramentos significativos para outros contextos.

Não sabemos ainda até onde será possível levar adiante esta discussão. Mas pensamos que aí está um “salto” que ainda necessitamos dar, uma ampliação significativa das finalidades da EF na escola e na universidade.

Para finalizar, se a EF deve mesmo se constituir como um campo do conhecimento útil, caberia parafrasear o Romeno Eugéne Ionesco (1909-1924), citado por Ordine (2016): se for absolutamente necessário que a EF (Ionesco se refere a Arte) sirva para alguma coisa, seria também para ensinar as pessoas que existem dimensões da vida que não tem utilidade, mas que por isso mesmo, são indispensáveis que existam.

É no “tempo do inútil” que se encontra a “origem de tudo”. Estamos a pensar no “primeiro homem” – o “homo-ludens”. Foi (é) pelo lúdico que o homem (a criança) encontrou a primeira forma de comunicação e de linguagem. Foi (é) pelo lúdico que o homem



se conhece, conhece o outro e conhece o mundo. Quase que podemos afirmar com todo acerto, que o “tempo inútil”, constituiu-se como “o tempo mais útil” de todos os tempos e de todos os homens (homo-mito, homo-cogito, homo-faber, homo-politicus, homo-economicos, homo-technicus, etc). É este tempo que faz a síntese e abre portas ao passado, ao presente e ao futuro; é neste tempo onde se encontra a morada originária da imaginação, do sonho, e da utopia; é neste tempo onde os poetas, os escritores se dizem e mostram; é este tempo que não deveria ser esquecido na educação e na escola...pois ele é também a mola de impulso do homem (criança/jovem) que o move ir para a frente, ir para diante...

KNOWLEDGE FOR THE "USELESS TIME" - REFLECTIONS FOR THE FIELD OF PHYSICAL EDUCATION...

ABSTRACT

This text aims to reflect on Physical Education (PE) as a field of knowledge with responsibilities for formation for the "useless time". Throughout the text, we tried to demonstrate that, in times of utilitarianism, recognizing the importance of a culture for "useless time" would represent a paradigm change for PE, especially in the school and university, with significant consequences for other contexts in this field.

KEYWORDS: Physical Education; Knowledge; Useless time.

CONOCIMIENTOS PARA EL "TIEMPO DE LO INUTIL" - REFLEXIONES PARA EL CAMPO DE LA EDUCACIÓN FÍSICA...

RESUMEN

Este texto apunta a reflexionar sobre la Educación Física (EF) como un campo del conocimiento con responsabilidades de formación para el "tiempo de lo inútil". A lo largo del texto, tratamos de demostrar que, en tiempos de utilitarismo, reconocer la importancia de una cultura por "tiempo de lo inútil" representaría un cambio de paradigma para la EF, especialmente en la escuela y la universidad, con consecuencias significativas para otros contextos en este campo.

PALABRAS CLAVES: Educación física; Conocimiento; Tiempo de lo inútil.

REFERÊNCIAS

- BRACHT, V. *Educação Física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister, 1992.
- KUNZ, E. *Educação Física: ensino e mudanças*. Ijuí: Unijuí, 1991.
- NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.



- ORDINE, N. A utilidade do inútil – manifesto. Matosinhos (PORT): Kalandraka, 2016.
- SANTIN, S. *Educação Física: outros caminhos*. Porto Alegre: ESEF/UFRGS, 1993.
- SANTIN, S. *Educação Física: ética, estética, saúde*. Porto Alegre: Edições EST, 1995.
- SOUSA SANTOS, B. Prefácio. In: Santos, B. S. (Org.). *Produzir para viver: os caminhos da produção capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- SOUSA SANTOS, B. A encruzilhada da universidade europeia. *Revista Ensino Superior*, 41 - Revista do SNESup: Julho-Agosto-Setembro, 2011.



Este trabalho corresponde a relato de experiência? (deixar essa informação apenas no arquivo sem autoria): sim não

OS JOGOS COOPERATIVOS COM CRIANÇAS E O CORPO: LOCUS DE CIDADANIA¹

Christine Vargas Lima, Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO),

cvargaslima@gmail.com

António Camilo Cunha, Universidade do Minho (UMinho),

camilo@ie.uminho.pt

RESUMO

A comunicação tem por base uma investigação (de doutoramento) sobre os jogos cooperativos. Teve como problema central os jogos cooperativos e a construção da cidadania. Este problema teve origem na observação de crianças flageladas pelas enchentes ocorridas na região sul do Brasil no ano de 2014 e na verificação de que o(s) jogo(s) (cooperativo) foi decisivo no mitigar a dor e ao mesmo tempo foi decisivo na criação de laços relacionais, afetivos, colaborativos entre as crianças e entre crianças e adultos. Um dos resultados (conclusões) deste estudo evidenciou que o corpo materializado e espiritualizado nos jogos foi um elemento central na construção de arquétipos de cidadania. É este sentido que pretendemos enfatizar/mostrar com a comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Jogos; Corpo; Crianças.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nada mais contemporâneo do que tratar, nesse momento, de Jogos cooperativos para o Brasil, um país em conflitos de sentimentos, valores e emoções representados em atitudes e em ações negativas, decorrentes de uma crise econômica e social.

¹ O presente trabalho (não) contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



Por um lado, chacinas em presídios, em grupos familiares e em moradores de favelas. Chacinas provocadas por dívidas com o tráfico de drogas, pelo poder do território, ou venda de produtos ilícitos, como também ataques homofóbicos, feminicídios, intolerância religiosa, em que se percebe uma falta de respeito pelas opções individuais do cidadão.

Os ataques racistas são constantes, corrupções fazem parte das representações populares, crueldades são cometidas com as crianças, violência nas torcidas organizadas esportivas, tudo isso, demonstra um contexto de ódio presente no comportamento do indivíduo da atual sociedade.

Por outro lado, observamos, também, ações positivas que devem ser lembradas, como a solidariedade com vítimas de enchentes, pelos familiares de desastres aéreos, por vários tipos de campanhas afirmativas como, de doações de medula óssea, adoção de animais e crianças, assim como ações das forças armadas nacionais, exercendo a cidadania, com ajuda aos povos de outros países, em meio a diversos tipos de dificuldades. Por fim, nesse cotidiano de emoções, o país organiza, no ano de 2016, o Campeonato Mundial de Futebol, e a mais importante manifestação esportiva, cultural e social entre os povos do planeta, chamadas por todos de Jogos Olímpicos e Jogos Paraolímpicos, em que se mostra ser possível a paz e a felicidade entre as mais diversas culturas do planeta.

FALAR E DEFENDER OS JOGOS COOPERATIVOS

Diante disso, falar em cooperação em jogos cooperativos, torna-se essencial, pois o cenário que se apresenta é de um povo em conflito, perdido em seus ideais, um povo sozinho em ambições descabidas, procurando conquistar mais e mais para o próprio consumo, esquecendo-se, do outro, e de que as transformações devem ocorrer em benefício do bem comum e qualidade de vida de todos.

Nesse cenário, Brown (1994) sugere criar espaços, preenchendo o mundo com símbolos, mostrando como conviver em harmonia, tendo uma visão crítica dos valores a transmitir como educadores. Para o autor, faz-se necessário contribuir com a transformação de uma sociedade, ele aponta o jogo como forma de convivência capaz dessa transformação social.

Acredita, ainda, que a esperança é possível, em qualquer lugar, não importando o lugar nem as pessoas e, por meio da cooperação, as práticas sociais agregam sentido e mostram significados ao realizado. Para ele, a comunicação, a criatividade, a cooperação a



solidariedade são a chave da boa convivência. Refere-se à criação, no sentido de que todos se adaptem às ações coletivas, de forma lúdica, numa forma cooperativa, sendo a criação e criatividade, componentes que desvendam o modo como a pessoa vê o conflito não de forma violenta, mas sob a égide da reflexão.

Nesse contexto, as pessoas, numa aprendizagem cooperativa, conseguem olhar umas para as outras, porque fazem suas atividades juntas, sentem as angústias mútuas, os obstáculos a serem ultrapassados são de todos, elas conseguem falar sobre seus sentimentos, e o outro o compreende e o auxilia no processo de superação, que se torna de todos do grupo. Existe uma empatia entre as pessoas, o que as fazem se colocar no lugar do outro, contribuindo, assim, para uma nova leitura de mundo, de vida um novo olhar para um mundo cooperativo.

Ainda Brown (1999) salienta que a importância da comunicação pode ser vista só como uma orientação do que a pessoa é, e por isso, deve ser respeitada. Define o diálogo, a conversa como um conceito de comunicação, a empatia, o apreço entre as pessoas, por isso, para ele, o jogo é uma possibilidade de comunicar-se.

Na diversidade histórico-cultural dos jogos, inseridos na Educação Física, ficam evidentes, os desafios que se têm a percorrer, não somente no ciclo da infância, atores desta investigação, mas em todas as faixas etárias. A infância é a fase inicial, de importância inquestionável para o desenvolvimento integral da criança (Barra, 2016; Fortuna, 2014).

No entanto, observamos uma falta de proximidade entre a educação praticada nas escolas e o que a criança realmente quer, aquilo que é expresso em sua voz que, muitas vezes, não é ouvida por esse segmento da sociedade ou até mesmo pela família.

A importância da interação social cooperativa da criança ainda não é considerada um fator essencial nas instituições escolares. Seu território, suas vulnerabilidades, suas escolhas, criações, entre outros, ainda estão longe de ser refletidas e questionadas pelo corpo docente. A consequência da não realização dessa ação, prejudica, especificamente, a qualidade de vida das crianças, colocando em risco o pleno desenvolvimento, pois se entende que a autonomia, um dos principais elementos dessa prática pedagógica se torna invisível sob o olhar infantil.

Observa-se nas escolas que a simples diversão, o sorriso, o movimentar-se, em todos os sentidos, não fazem parte, plenamente do cenário escolar que se apresenta conteudista, instrumentalista e técnico, e não se compreende o sorriso da criança como uma manifestação positiva no processo da aprendizagem.

Se a criança gosta e, conseqüentemente, expressa-se por meio do sorriso, demonstra



sua felicidade de estar naquele determinado espaço, pode-se afirmar que a escola cumpre uma das suas funções dentro do processo de ensino-aprendizagem, construindo um caminho sólido de compreensão e interação social. É esse um dos grandes desafios da escola, pois a criança aprende interagindo com todos, de forma lúdica e feliz. (Almeida, 2014).

O sorriso é um símbolo que indica estar no caminho de uma construção simbólica lúdica. Mas quanto a isso, há dúvidas, pois nem Piaget diz exatamente, quando aparecem as atividades simbólicas nas crianças.

Piaget (1978, 1993) refere-se à construção de símbolos, exemplificando as experiências com seus filhos. Ele explica que quando estavam dormindo, percebeu algumas vezes, que as crianças fingiam dormir. Ali estava, segundo o autor, o nascimento de um símbolo interno, mas que não podia afirmar corretamente, pois podia ser uma manifestação sensorial e o fenômeno não acontecer de forma mental. O autor compreende, nesse sentido, o acontecer de um jogo. Não um jogo simbólico, mas um jogo de imaginação. O que se identifica na realidade das crianças é que, quando jogam manifestam sentimentos de alegria ou de tristeza, considerados, nessa perspectiva, símbolos no qual o jogo é responsável por exteriorizá-los. Para Brown (1994, p. 12), “[...] esse rir, desfrutar, celebrar a convivência não é simplesmente um elemento funcional, mas faz parte da vida cotidiana.” Por isso, quando a criança joga aproxima-se das situações de sua vida.

Nesse sentido, as experiências com jogos cooperativos preenchem o vazio que se encontra nas instituições escolares, pois apresentam possibilidades que consideram a criança, capaz de refletir sobre suas ações, sentir e perceber emoções, como também autoconhecer-se, procurando efetivar as vivências por meio de alternativas em comunidade. Com os jogos cooperativos, espera-se que as crianças, futuramente, enfrentem os obstáculos que ocorrem na sua trajetória de vida, solucionando-os de forma cooperativa e, a partir dessa aprendizagem cooperativa, saibam que é melhor enfrentá-los coletivamente do que com ações solitárias na cultura e entre culturas (Brougere, 2002; Camilo Cunha, 2014).

Brotto (1999, 2000) compreende que um dos primeiros passos para a aprendizagem cooperativa, é saber viver juntos e realizar objetivos comuns. Há necessidade, segundo o autor, de aperfeiçoar as habilidades de relacionamento entre as pessoas e, nesse percurso, saber conviver com os outros e não contra os outros.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

É nesse sentido que ressaltamos a importância dos jogos cooperativos. Neles, as crianças se percebem em função dos seus espaços e dos outros. São nesses jogos que manifestam escolhas, desejos, sonhos, querer olhares desbravadores, em que pulsam vontades, riscos para superar-se e conquistar novos espaços, com novas estruturas, que dialoguem com sua voz.

O jogo tem grande importância no meio educacional. Acreditamos assim como vários autores, que essa reflexão não se esgota. Almeja-se entender como o jogo contribui para que a criança, em suas relações, interaja cooperativamente com outras crianças, compreendendo e desenvolvendo valores de justiça, solidariedade e fraternidade (elementos de cidadania), para que, futuramente, participe, de forma ativa, de uma sociedade que se quer democratizar – *aqui o corpo terá um papel determinante...*

COOPERATIVE GAMES WITH CHILDREN AND THE BODY: LOCUS OF CITIZENSHIP

SUMMARY

The communication is based on an investigation (of doctoral) in the cooperative games. The central problem was the cooperative games and the construction of citizenship. This problem originated in the observation of children plagued by floods in southern Brazil in 2014 and in the verification that the game (s) (cooperative) was decisive in mitigating pain and at the same time was decisive in the relationship, affective, collaborative relationships between children and between children and adults. One of the results (conclusions) of this study evidenced that the materialized and spiritualized body in the games was a central element in the construction of archetypes of citizenship. It is this sense that we want to emphasize / show with communication.

KEYWORDS: Games; Body; Children.



LOS JUEGOS COOPERATIVOS CON NIÑOS Y EL CUERPO: LOCUS DE CIUDADANÍA

RESUMEN

La comunicación se basa en una investigación (de doctorado) sobre los juegos cooperativos. Tendría como problema central los juegos cooperativos y la construcción de la ciudadanía. Este problema tuvo su origen en la observación de niños flagelados por las inundaciones ocurridas en la región sur de Brasil en el año 2014 y en la verificación de que el (s) juego (s) (cooperativo) fue decisivo en el mitigar el dolor y al mismo tiempo fue decisivo en creación de vínculos relacionales, afectivos, colaborativos entre los niños y entre niños y adultos. Uno de los resultados (conclusiones) de este estudio evidenció que el cuerpo materializado y espiritualizado en los juegos fue un elemento central en la construcción de arquetipos de ciudadanía. Es este sentido que pretendemos enfatizar / mostrar con la comunicación.

PALABRAS CLAVE: Juegos; el cuerpo; Los niños.

REFERÊNCIAS

- Almeida, M. *Brincar, amar e viver*. Volume I, Assis/SP: Stoerbem Gráfica e Editora, 2014.
- Barra, S. *A Infância na latitude Zero: as brincadeiras da criança 'global' africana*. Tese de Doutorado em Estudos da Criança – área de Sociologia da Infância. Universidade do Minho, 2016.
- Brotto, F. *Jogos cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar*. Santos: Renovada, 2000.
- Brotto, F. *O. Jogos Cooperativos: o jogo e o esporte como exercício de convivência*. Santos – SP, 1999.
- Brougère, J. *Brinquedo e cultura: revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wayskop*. (3. ed.) São Paulo: Cortez, 2002.
- Brown, G. *Palestra Guillermo Brown – I Festival de Jogos Cooperativos SESC Taubaté – SP – Set/99*, 1999.
- Brown, G. *Jogos Cooperativos: Teoria e Prática*. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal. 1994.



Camilo Cunha, A. *Multiculturalismo e Educação da diversidade: Crítica/Crítica*. Coleção Intuições (1ª edição). Santo Tirso, junho de 2014 IEC-UM, 2014.

Fortuna, T. *A Importância de Brincar na Infância*. In: HORN, Claudia Inês, et al. *Pedagogia do brincar*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, p. 15-44, 2014.

Piaget J. *A representação do espaço na criança*. Porto Alegre: Artes Médica, 1993.

Piaget J. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho. Imagem e representação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

